

## *Finnegans Wake*: o Fulgor de um Nome?<sup>1</sup>

Maria Teodora de Barros Oliveira<sup>2</sup>

Trago, para essa apresentação, algo que achei curioso, não o tendo encontrado ainda em referência, e que fisgou minha atenção quando da leitura de “Ulisses”<sup>3</sup>, pronunciando, ao meu olhar, *Finnegans Wake*. São especulações sobre curiosidades que colhi da leitura de James Joyce; portanto, parte da minha ficção sobre ele.

Folheando “Ulisses”, à procura de uma frase, leio, no episódio da Biblioteca, que Stephen Dedalus, referindo-se a Shakespeare, utiliza uma frase deste citada em “Romeu e Julieta”, na indagação de Julieta, em alienação amorosa: “O que há num nome?”<sup>ib</sup> Seguidamente, pude depreender que era como se Stephen indicasse que no nome há letras, marcas de designios a serem lidas nas estrelas. Assim, diz ele: “Lê os céus. *Autontimerumenos. Bous Stephanoumenos*. Onde está tua configuração?” [p.275] (grifo meu). Mais adiante, chama-se à realidade, repetindo seu próprio nome: “Stephen, Stephen, não vás com tanta sede ao pote”; e, à pergunta do bibliotecário, sobre se isso que dissera seria um fenômeno celeste, diz Stephen: “uma estrela à noite, uma coluna de nuvem de dia.” Alternância de sonho e realidade?

Sabemos que Joyce carregava o nome que fora do seu irmão morto - trago isso aqui, embora não nos interesse pinçar elementos biográficos seus, ainda que possamos depreender que seus elementos biográficos tenham fornecido material para compor sua ficção. Joyce mesmo escreveu, no diálogo da “Biblioteca”, pela voz de Russel, no

---

<sup>1</sup> Trabalho escrito originalmente para ser apresentado no encontro **Joyceando: Língua, Arte, Ofício**, organizado pela IPB. Olinda, 26 de fevereiro de 2005.

<sup>2</sup> É membro do Traço Freudiano Veredas Lacanianas Escola de Psicanálise.

<sup>3</sup> JOYCE, James. *Ulisses*. Tradução de Antônio Houaiss. 12ª ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2000.

“Ulisses”, que escarafunchar na vida privada de um grande homem é interessante apenas para o escrivão da paróquia, pois “se lemos a poesia do King Lear, que é que nos importa como viveu o poeta? Temos o King Lear, e é imortal” [p. 247]. Estaria, antecipadamente, refutando alguma questão que ali se impôs sobre seu material biográfico quando trabalhado por ele mesmo? Não obstante, Stephen pergunta “o que há num nome”, pergunta que, diz ele, “**se faz na infância**”, “quando escrevemos esse nome que ensinam ser o nosso”. Refere-se, pouco mais adiante, falando de Shakespeare, ao fato poético de que:

uma estrela, um astro matutino [portanto, leiamos, **com luz própria**], um fogo do céu se levantou no seu nascimento. Fulgiu sozinho de dia nos céus, mais brilhante que Vênus de noite, e de noite fulgiu mais que Delta de Cassiopéia, a constelação recumbente que é a assinatura da inicial dele entre os astros [p. 274].

Ora, a constelação de Cassiopéia tem a forma de um **W**, a letra inicial de **William**; e, se “um fogo do céu, uma estrela se levantou, brilhou mais no seu nascimento que Delta de Cassiopéia”, poeticamente, penso, não seria essa uma representação sua de **W**? De que **W**. Shakespeare, ao nascer, brilhou no firmamento, fez-se essa nova luz, uma estrela, mais brilhante que a luz de Delta, da constelação de Cassiopéia, que o enunciava, em forma de sua letra, o **W**? Seria uma referência metafórica de Stephen à escritura do nome de William e - por que não? - pensando também na escritura que faria do seu - tal se referira já desde o “Retrato”, *Bous Stephanefóros* - em um destino como o das estrelas, inscrito e a brilhar no céu, através da letra, criando, “como o grande artífice cujo nome usava, uma coisa viva, nova, alada e bela, impalpável, imperecível”? (“Retrato do Artista Quando Jovem”<sup>4</sup>, p.190). Mas, se Joyce injetou autobiografia em sua ficção, ou vice-versa - não importa, será sempre sua ficção -, e se teve Shakespeare, como se evidencia, em sua Paidéia, sabemos, não obstante, que guardou sua diferença, pois sobre Shakespeare, de sua vida apaixonada, de seu acesso às emoções que representa, tudo permanece um mistério. Dizem os estudiosos que mesmo seus sonetos, ainda que escritos na primeira pessoa, são evasivos, opacos e, provavelmente, por deliberação. Cogita-se mesmo de que seu *Hamlet* surgiu de maneira incomum, de uma experiência dolorosa do dramaturgo ao perder seu filho Hamnet.

---

<sup>4</sup> JOYCE, James. “Retrato do Artista Quando Jovem”. Tradução de José Geraldo Vieira. 4ª edição. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1998.

O americano Stephen Greeblatt tem uma hipótese nesse sentido<sup>5</sup>, na qual chega a esboçar que uma “estratégia estética duradoura” tenha surgido dessa experiência, que levou Shakespeare a uma intensa representação da interiorização, provocando na platéia e em si mesmo uma reação apaixonada. Para esse intento, removeu um elemento explanatório chave, causal, ocultando o que explicava a ação que se desenrolaria. Criou, assim, o que ele chama de “opacidade estratégica”, que leva a liberar uma enorme energia antes bloqueada por explicações reconfortantes. Nesse sentido, parece-me, Joyce inspirou-se no dramaturgo inglês, desenvolvendo essa estratégia em seus ricos fluxos de pensamentos ao longo do “Ulisses”. Mas, no que se refere ao uso de dados auto-biográficos, Joyce não os poupou. Autor e personagem Stephen se misturam, mesmo que tenha afirmado através de Russel que escarafunchar na vida privada de um grande homem é interessante apenas para o escritor da paróquia. Mas voltemos agora ao nome, ou à questão levantada por Stephen desde a infância: “o que Há num nome?”

Lacan tem uma teoria sobre o nome próprio, ele diz da letra no nome, nome que não se traduz de língua a língua, mas que se translitera. É que um nome carrega mais que letras, são letras que portam uma inscrição significante. São marcas mnésicas. **O nome próprio funciona, então, como traço, significante de uma ausência apagada.** A letra aí, no nome, em sua materialidade, é seu suporte, porém, sendo significante, guarda relação com outro significante, nunca idêntico a si mesmo. O que existe no inconsciente é essa inscrição significante, essa escritura que se faz como se fosse a materialidade das letras.

E para Stephen Dedalus, o que haveria num nome? O que se carregaria, ao se portar um nome determinado? Ele aponta que, da trindade de negros Wills, dois dos irmãos de Shakespeare, vilões puxa-sacos, têm os nomes dos tios malvados Edmund e Richard; sobre Gilbert, o terceiro irmão, Stephen diz que Shakespeare nem sequer o cita em sua obra. E Joyce, nessa sua ficção, faz referências nada lisonjeiras ao terceiro irmão de Shakespeare, o que sugere um possível apagamento dele na memória de William. Então, como poderíamos pensar aí o nome, atendo-nos à ficção joiciana, entendida como um efeito de linguagem que

---

<sup>5</sup> Greeblatt, Stephen. “A morte de Hamnet e a criação de Hamlet”. Tradução de Luiz Roberto Mendes Gonçalves. [www.revistaentrelivros.com.br](http://www.revistaentrelivros.com.br).

porta o desejo do Outro, supondo tal ficção com estrutura de verdade? Será que poderíamos pensar numa representação de uma lógica funcional onde a subjetividade do nomeado é o argumento da função? Com Frege, por exemplo, vemos que na lógica funcional podemos distinguir, numa proposição, a função total e o seu argumento, havendo lugar para que haja um vazio, como no caso da função paterna, que é um lugar vazio, e que, por isso, permite uma representação. No caso, será que poderíamos dizer que Stephen Dedalus, sujeito efeito de discurso, é uma resultante  $y$  na função  $y = F(x)$ , onde  $x$  e  $y$  são variáveis, e, conseqüentemente,  $y$  depende do valor de  $x$ , lugar, este, vazio, representado pela metáfora paterna? Ou seja:

Sujeito efeito de discurso =  $y = F(x) = F(\text{Nome do Pai/Desejo da Mãe})$ .

Portanto:

Singularidade de S.Dedalus =  $y = F(x) = F(\text{NP/DM})?$

Disse Stephen, no “Retrato”:

Eu sou Stephen Dedalus. Caminho ao lado do meu pai cujo nome é Simão Dedalus. Estamos em Cork, na Irlanda. Cork é uma cidade. Estamos alojados no hotel Vitória. Vitória, Stephen e Simão. Simão, Stephen e Vitória. Nomes [p.105].

Nome Próprio: inclusão subjetiva de lugar? Em que constelação? Lembremo-nos de que Stephen escreveu na aba de seu caderno, quando no *Conglowes Wood College*, uma relação de nomes do que o envolvia, situando o seu lugar, indo do Colégio ao Universo.

Observemos que essa letra inicial de **William** é recorrente em James Joyce, que a ela se refere em vários lugares do seu escrito, ou por ser um retorno significativo, ou por ser apenas letra que muito se repete na língua inglesa. Está presente em citações recorrentes de grandes escritores, além de William Shakespeare, e no **W** de *Finnigans Wake* que, suspeito,

está enunciado já no seu “Ulisses”. Suspeito disso da leitura do episódio do “Proteu”, monólogo interior masculino, quando Stephen viaja, em pensamento, caminhando pela praia, ouvindo nessa caminhada os sons de suas passadas, vendo e renomeando o que o mar devolvia à areia, lembrando-se aí nessa caminhada do seu tio Richie e dos seus sonhos de escritor. Há um parágrafo nesse monólogo, enigmático – e que, ousadamente, leio como índice, cifra sobre seu projeto de *Finnegans Wake* -, no qual uma voz, como se fosse a do tio, mistura-se com a dele mesmo, dialogando consigo, interrogando-o, como um *alter ego*. Ouçamos:

Lendo duas páginas de cada um de sete livros por noite, hem? Eu era jovem. Inclinavas-te para ti mesmo ante o espelho, avançando um pouco para aplaudir-te compenetrado, cara séria. Hurra pelo danado idiota! Ah! Nem um viu: a nem um digas. Livros que irias escrever com letras por título. Leu o seu **F**? Oh, sim, mas prefiro o **Q**. Sim, mas o **W** é admirável. Oh, sim, o **W** (p.56) ( grifo meu).

Nessa conversa interior já enuncia que a preferência do outro pode ser pelo **Q**, mas a dele é pelo **F** e **W**, este, “admirável”. Simples coincidência ou revelação cifrada de seu projeto? Simples letra igual a si mesma, ou significante que remete para outro? Enuncia ainda que lia duas páginas de sete livros por noite, aplaudindo-se. E, em seguida, vem-lhe uma lembrança indagativa através da conversa com o tio, em seu fluxo de pensamento:

Lembras-te das tuas epifanias, sobre folhas verdes ovais, profundamente profundas, exemplares por serem, se morresses, enviados a todas as grandes bibliotecas do mundo, inclusive a de Alexandria? Alguém haveria de ali lê-las uns milhares de anos depois, um mahamanvantara. Pico Della Mirandola. Sim, muito parecido a uma baleia. Quando alguém lê essas estranhas páginas de alguém há muito desaparecido, alguém sente que alguém está com quem que alguma vez. (p.57).

Esses parágrafos do “Ulisses”, nos quais Stephen se refere à letra e ao projeto de escrever epifanias sobre folhas verdes, tendo por título letras, será que não nos sugerem a enunciação de um desejo de imortalidade, de ser lido no mundo todo, principalmente o de constar numa biblioteca como a de Alexandria? Lembremo-nos de que Joyce, não o personagem Stephen, manifestou seu desejo de dar trabalho aos universitários por vários séculos! Atinemos que o “Dia Grande” hindu, o *mahamanvantara*, do sânscrito, ao qual Stephen acima se referiu, o mesmo que o “Dia de Brahma”, é metáfora para a eternidade,

pois equivale a quatro bilhões, trezentos e vinte milhões de anos<sup>6</sup>. É enunciado que nos sugere provável desejo de Stephen, o de ser lido por alguém de representação do tipo Pico Della Mirandola, autor neo-platônico, renascentista do século XV, que leu supostos manuscritos originais bíblicos, e que se propôs a escrever nada menos que novecentas teses derivadas dos escritos de vários autores gregos, romanos, árabes e hebreus. Não seria, também esse, um indicativo do seu desejo de imortalidade?

E o que fez Joyce em *Finnegans Wake*? Há observações de que quis escrever um livro que contivesse todos os livros; e foi elaborando a imagem desse livro, nesse *work in progress*, buscando uma meta irrepresentável, a da apreensão do absoluto. Lembremo-nos, por acréscimo, de que em *Finnegans Wake* Joyce conjugou nomes próprios, no passado, presente e futuro. Assim, seu nome também poderia vir a ser conjugado no futuro. E a sua “inelutável modalidade do visível e do audível” no “Ulisses”, no episódio do Proteu, já foi sendo metamorfoseada em letras. E será que Joyce não nutria a idéia de que, se lido em todas as bibliotecas do mundo - principalmente na de Alexandria, por um Pico Della Mirandola, que o descobrisse e sobre ele escrevesse novecentas teses -, não passaria para a imortalidade por escrever o livro que, senão tendo por título letras, na realidade tem nas letras, nos seus sons, a própria personagem, pois na sua materialidade suportam significantes, representações para outros significantes, significações a elas articuladas, letras de todo o mundo, a unidade básica de significação do seu escrito em *Finnegans Wake*?

VIZIOLI<sup>7</sup> nos mostra o trocadilho usado por Joyce para essa prosa polifônica que é *Finnegans Wake*. Diz que Finnegan sugere o mítico gigante irlandês Finn MacCool, mas parece também associar idéias opostas de fim (*Finne-*) e recorrência (*again* = outra vez). E que, em *Finnegans Wake*, a mesma dualidade está presente:

[pois se] for interpretada como *Finnegan's Wake*, isto é, como grafia arcaica do genitivo saxônico, o significado será “o velório de Finnegan” (a morte); se, pelo contrário, o **s** sem apóstrofe for entendido como indicativo de plural, o significado será “os Finnegans despertam” (a ressurreição). **E**

<sup>6</sup> Fonte: ROSS, Nancy Wilson. *Trois voies de la sagesse asiatique*. Edition STOCK, 1966.

<sup>7</sup> VIZIOLI, Paulo. “James Joyce e sua Obra Literária”. São Paulo: EPU, 1991.

como o romance todo tem como fulcros temáticos a Queda e o Retorno, o título, apesar de breve, acaba se tornando, graças à genial utilização da técnica do trocadilho, a própria obra em miniatura, espelhando o seu conteúdo e a sua linguagem (p.94 ) (grifo meu).

Vemos aí, no título, como a letra ou um simples apóstrofo faz marca, portando significações, remetendo para outro significante. Seria essa a escrita de um livro que tem por título letras? *Finnegans Wake*, a ressurreição, o Fulgor de um Nome? Inscrição definitiva do nome de James Joyce na constelação das letras, como está lá o de William, configurado na Cassiopéia?

---

<sup>i i</sup> Diz Julieta, na peça referida:

“Romeu, Romeu, por que há de ser Romeu?  
 Negue o seu pai, recuse-se esse nome;  
 Ou se não quer, jure só que me ama.  
 E eu não serei mais dos Capuletos.”  
 [...] É só seu nome que é meu inimigo:  
 Mas você é você, não é Montéquio!  
 Que é Montéquio? Não é pé, nem mão,  
 Nem braço, nem feição, nem parte alguma  
 De homem algum. Oh, chame-se outra coisa!  
 Que é que há num nome? O que chamamos rosa  
 Teria o mesmo cheiro com outro nome;  
 E assim Romeu, chamado de outra coisa,  
 Continuará sempre a ser perfeito,  
 Com outro nome. Mude-o Romeu,  
 E em troca dele, que não é você,  
 Fique comigo. “